



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS AFRO-BRASILEIRAS E INDÍGENAS

ANA GÉSSICA DAVID DA SILVA

**EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL: MENINAS/MULHERES NEGRAS
PROTAGONIZANDO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL**

GUARABIRA/PB

2021

ANA GÉSSICA DAVID DA SILVA

**EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL: MENINAS/MULHERES NEGRAS
PROTAGONIZANDO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL**

Monografia apresentada para fins de conclusão do curso de Especialização em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, orientada pelo Prof.º Ms. Felipe Pereira da Silva.

GUARABIRA/PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Ana Gêssica David da.
Educação Étnico- Racial: [manuscrito] : meninas/mulheres negras protagonizando na literatura infanto-juvenil / Ana Gêssica David da Silva. - 2021.
34 p. : il. colorido.

Digitado.

Monografia (Especialização em Educação Étnico Racial na Educação Infantil) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2021.

"Orientação : Prof. Me. Felipe Pereira da Silva , UEPB - Universidade Estadual da Paraíba ."

1. Meninas/Mulheres. 2. Negras. 3. Embranquecimento. 4. Interseccionalidade. I. Título

21. ed. CDD 372.24

ANA GÉSSICA DAVID DA SILVA

**EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL: MENINAS/MULHERES NEGRAS
PROTAGONIZANDO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL**

Monografia apresentada para fins de conclusão do curso de Especialização em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, orientada pelo Prof^o Ms. Felipe Pereira da Silva.

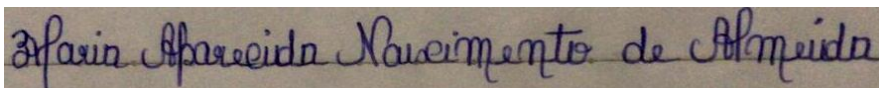
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. FELIPE PEREIRA DA SILVA

SEMEC - Cuitegi-PB


ORIENTADOR



Prof.^a Me. MARIA APARECIDA NASCIMENTO DE ALMEIDA

SEECT-PB

EXAMINADOR (A)



Prof.^a Me. MEILENE CARVALHO PREIRA PONTES

SEECT-PB

EXAMINADOR (A)

GUARABIRA, 31 DE MAIO DE 2021

Dedico este trabalho à minha Mãe, sempre presente em todos os momentos de minha vida, uma guerreira que merece tudo de mais maravilhoso.

Agradeço primeiramente a Deus, que é o grande responsável pela minha existência, em seguida à minha família que sempre me deu todo o apoio necessário e a todos (as) os (as) meus (minhas) professores (as) que contribuíram com a minha formação acadêmica, em especial, ao meu orientador Felipe Pereira da Silva.

É então, no, âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe etc.). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais.

(Guacira Lopes Louro)

RESUMO

Esta pesquisa traz informações sobre o protagonismo de mulheres e/ou meninas negras na literatura infanto juvenil, mais especificamente em cinco obras: Menina bonita do laço de fita; As tranças de Bintou; Ana e Ana; Bruna e a galinha d'angola; e O cabelo de Lêle. Tem como objetivo principal analisar a imagem das personagens femininas negras nos livros supracitados, tendo como base a perpetuação ou ruptura do padrão eurocêntrico hegemônico. Para tanto, as fontes trabalhadas foram livros (animados e impressos), bem como a fundamentação teórica pertinente à pesquisa, como a ideologia de embranquecimento, democracia racial, racismo, interseccionalidade e análise de conteúdo, sendo essa última a técnica utilizada para analisar os referidos livros. Após as leituras, categorizamos as personagens em relação à identidade social, religiosa, étnica e de gênero, assim é possível identificarmos os padrões e conceito que tiveram continuidade ou retrocessos. A partir desses procedimentos, acreditamos estar colaborando com o enfraquecimento de estereótipos negativos presentes na literatura infanto juvenil, em relação à mulher negra, tendo em vista que a mesma sofre práticas discriminatórias acentuadas, pois há uma intersecção que engloba a discriminação por gênero, por raça, por classe social e por geração.

Palavras-chave: Meninas/Mulheres. Negras. Embranquecimento. Interseccionalidade.

ABSTRACT

This research brings us information about the role of black women and / or girls in children's literature, more specifically in five works: *Pretty girl with a ribbon bow*; *Bintou's braids*; *Ana and Ana*; *Bruna and the dangola chicken*; *Lêle's hair*. Its main objective is to analyze the image of black female characters in the aforementioned books, based on the perpetuation or rupture of the hegemonic Eurocentric pattern. To this end, the sources worked on were books (animated and printed), as well as the theoretical foundation pertinent to the research, such as the whitening ideology, racial democracy, racism, intersectionality and content analysis, the latter being the technique used to analyze the referred books. After the readings, we categorize the characters in relation to social, religious, ethnic and gender identity, so it will be possible to identify the patterns and concepts that had continuity or setbacks. From these procedures, we believe we are collaborating with the weakening of negative stereotypes present in the juvenile literature in relation to black women, considering that she suffers marked discriminatory practices, as there is an intersection, which includes discrimination by gender, by race, by social class and generation.

Keywords: Girls / Black women. Whitening. Intersectionality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Principais cenas do livro Menina bonita do laço de fita.....	p.21
Figura 2: Principais cenas do livro as tranças de Bintou.....	p.24
Figura 3: Principais cenas do livro Ana e Ana.....	p.26
Figura 4: Principais cenas do livro Bruna e a galinha d'angola.....	p.28
Figura 5: A capa do livro O cabelo de Lêle.....	p.30

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: SÍNTESE DAS OBRAS.....	p.19
----------------------------------	------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I: CONTEXTO HISTÓRICO.....	14
1.1 GÊNERO + RAÇA.....	18
CAPÍTULO II: ANÁLISE DAS OBRAS LITERÁRIAS.....	19
2.2 MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA.....	21
2.3 AS TRANÇAS DE BINTOU.....	24
2.4 ANA E ANA.....	26
2.5 BRUNA E A GALINHA D'ANGOLA.....	28
2.6 O CABELO DE LE LÊ.....	30
CAPÍTULO III: CONTRIBUIÇÕES DO PROTAGONISMO FEMININO NEGRO NA LITERATURA INFANTO JUVENIL EM SALA DE AULA.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	34

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz informações acerca da valorização do fenótipo feminino negro que, vai além da representação, é protagonizado por meninas/mulheres negras em situações favoráveis e socialmente positivadas. Analisaremos os tipos de imagens apresentadas pela literatura infanto juvenil, dando ênfase às personagens negras, caracterizando-as em relação à identidade social, de gênero e etnia, bem como a discussão decorrente das ideologias do embranquecimento, democracia racial e racismo, interseccionando com a categoria gênero, entendendo que é possível desconstruirmos o rótulo negativo impregnado nas meninas e mulheres negras através da exposição de personagens negras felizes e bem-sucedidas.

Todavia, é no período da infância que vivemos a nossa maior construção como sujeitos. Assim, o meio em que estamos inseridos é de fundamental importância na construção das nossas referências, como nos diz Camilo (2019, p.6),

(...) tudo aquilo que os pequenos têm acesso e convivem, tornam-se referenciais na construção de suas teorias de mundo, suas ideias de família, de sociedade, de relações e de si mesmos. Porém, as crianças ainda não filtram o que lhes é apresentado e não refletem por si só sobre o conteúdo que lhes chega – se é bom, ruim ou se haveria outra possibilidade. (CAMILO, 2019. p.6)

Dessa forma, justificamos nosso trabalho como uma nova possibilidade de trabalhar com obras de Literatura infantil nos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo uma maneira de poder problematizar questões que, normalmente, são silenciadas e culminam na desinformação da sociedade. Enquanto educadores, temos a oportunidade de apresentar uma nova interpretação das histórias que são contadas para crianças em sua infância, pois “a escola é um excelente lugar para que se desenvolva o gosto pela leitura e se mantenha um saudável diálogo entre o livro e seu destinatário mirim”. (CANTARIN, 2008).

Compreendemos então que o estudo através da literatura infantil, sem dúvida alguma, contribui fortemente no processo de construção da identidade das crianças e, a nós professores, cabe a função de mostrar outros personagens e,

principalmente, de mostrarmos como as singularidades de cada pessoa deve ser apreciada e respeitada.

No que concerne à fundamentação teórica, buscamos o apoio dos seguintes autores e autoras: Bandeira (1988); Bardin (2011); Beauvoir (1970); Camilo (2009); Cantarin (2008); Fernandes (1989); Geertz (2008); D'Adesky (1997); Garcia (2007); Guimarães (2006); Hofbauer (2006); Munanga (1984); Santos (2009); Telles (2004), os quais serão balizados com a análise de 05 (cinco) livros digitais, exibidos no Programa *A cor da Cultura*, são eles: *Ana e Ana*, de Célia Godoy; *Bruna e a Galinha D'Angola*, de Gercilga de Almeida e Valéria Saraiva; *As tranças de Bintou*, de Sylviane A. Diouf; *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado; e *O cabelo de Lelê*, de Valéria Belém.

Utilizamos como técnica a análise de discurso, na perspectiva de Laurence Bardin, que possibilita a identificação dos valores, padrões e conceitos social e culturalmente construídos, através das imagens representadas nas respectivas obras.

De acordo com os procedimentos supracitados, temos a possibilidade de compreendermos tanto o meio social das personagens femininas negras quanto seus fenótipos, corroborando para o esclarecimento em prol da questão étnica, se realmente o padrão estético eurocêntrico permanece de forma hegemônica nos livros ou se há uma valorização significativa ou predomínio das características físicas negras.

Acreditamos que esta pesquisa contribuirá para o enfraquecimento de estereótipos negativos disseminados nos livros infanto juvenis, visando uma proposta de diversificação da literatura nos quesitos referentes à etnia e gênero, tendo em vista a apreciação dessas obras como ferramenta pedagógica no contexto educacional.

CAPÍTULO I

CONTEXTO HISTÓRICO

Nossa proposta é analisar os livros citados no tópico anterior, com o intuito de identificarmos discursos positivos direcionados ao público feminino negro. Para tanto, faz-se necessário entender como surgiram às ideologias referentes à supremacia branca sobre as demais raças. Recorremos à Munanga (1984, p. 39),

A justificativa científica da pretendida superioridade do branco sobre as outras raças culminou, entre outros, com as idéias do inglês Robert Knox (*Races of Men*, 1850) e do francês Arth de Gobineau (*Essai sur l'inegalité des Races Humaines*, 1853-55). O primeiro criou o mito racial de gênio saxão e anglo-saxão; o segundo, o mito do gênio racial ariano.

Evidenciamos, a partir da contribuição de Munanga (1984), que tanto Knox quanto Gobineau defendiam, indiscutivelmente, a raça branca, todas as outras que não obedecessem ao padrão eurocêntrico eram excluídas, discriminadas e transferidas para uma posição inferior, subalterna, considerados seres primitivos e incapazes de criar, ou mesmo, de participar de uma sociedade civilizada, e, portanto democrática, até porque, de acordo com observações feitas nos séculos XI e XII, por autores árabes, os habitantes do continente africano eram “como brutos, sem inteligência, sem normas e sem leis” (MUNANGA, 1984, p. 40).

Assim, atribuíram essa, suposta, inferioridade dos negros às suas características físicas, ocasionando o enaltecimento do ideal de branquitude como condição humana normal e perfeita, a qual associa à cor preta, como algo ruim, moral e fisicamente, e a cor branca representa o bem. Logo completamente aceitável.

No século XX há um rompimento com o evolucionismo e percebe-se que essas teorias baseadas no fenótipo do negro eram respaldadas no ideal da superioridade do branco, e que serviram, exclusivamente, para explicar duas instituições sociais marcantes e opostas: a escravidão e a colonização, até porque a história foi contada do ponto de vista do colonizador, enquanto que o colonizado estava sendo escravizado, moral, física e culturalmente. E o que nos restou dessas

teorias ocidentais europeias, foi à imagem do negro folclorizado, libertino, dotado de uma incrível força bruta, capaz de suportar todos os desmandos do colonizador.

Procuraram-se diferentes explicações para justificar a inferioridade do negro, como por exemplo, o determinismo biológico, o qual advoga que a mesma é inata, os africanos nascem incapazes, e continuarão assim até a morte, seus comportamentos animais são respaldados pela biologia, pois vêem os negros como “expressão de raça” (BANDEIRA, 1988, p. 15). E, para Manoel Bonfim, citado por Hofbauer, (2006, p. 238), “o qualificativo “inferioridade racial”, [...] serve exclusivamente a um projeto político de dominação”, dessa forma ele condena esse determinismo biológico, avançando ainda mais, dizendo que a “submissão incondicional, frouxidão de vontade, docilidade servil. (...) são antes efeito da situação em que os colocaram”.

Entretanto, mesmo rejeitando a desigualdade inalterável das capacidades intelectuais que condenaria os negros a uma eterna inferioridade, ele abraça o projeto de branqueamento biológico, que consiste na convivência, ou cruzamento da raça negra com a branca, na qual a primeira tende “a imitar os mais cultos. (...) arrisca-se a prognosticar: “no fim de um certo número de gerações, o que resta das qualidades essenciais da raça menos culta é bem pouco”. (BONFIM, apud, HOFBAUER, 2006, p. 237). Dessa forma, a miscigenação era vista como a solução para a questão do negro, felizmente suas previsões não deram certo e tais cruzamentos resultaram na multiplicação de pessoas negras, tomando rumos contrários ao esperado.

Houve uma ruptura do inato para o social, descobriu-se que a inferioridade dos negros foi algo construído ao longo do processo histórico, que sempre se buscou transformar o outro em nós, de forma mesquinha, sem se importar com os sentimentos do outro, seus valores, suas crenças, suas vidas.

Por conseguinte, temos o branqueamento cultural, tendo Arthur Ramos como pioneiro e cujo marco encontra-se na teoria da aculturação, a qual ver o negro como “expressão de cultura”, (...).” (BANDEIRA, 1988, p. 16). Sendo que essa cultura é vista como uma forma de resistência, de preservar os seus valores e crenças, passados para nós através das diversas instituições sociais que nos rodeiam, família, igreja, mídias, e, principalmente, a escola, como algo folclórico, que não merece um estudo aprofundado como as demais culturas, em especial, a europeia.

Essa aculturação tem uma proposta eurocêntrica, ou seja, relegar a cultura do povo negro e enaltecer a cultura ocidental europeia que detinha a hegemonia nacional, propondo uma metamorfose cultural.

Por volta de 1930, chegamos ao campo das relações raciais, tendo como gênese o programa da UNESCO que visava “a análise e interpretação da assimetria das relações raciais, tendo como foco de reflexão “o negro como expressão social”. (BANDEIRA, 1988, p. 18). Percebemos então, um branqueamento social.

O programa citado anteriormente (UNESCO) evidencia as diferentes formas de discriminação racial, enfatiza, também, o mito da democracia racial, vista como uma técnica de dominação, tendo Gilberto Freyre como seu principal disseminador, pois para ele “o mestiço aparece quase como uma prova da postulada – convivência harmoniosa entre as raças (...)” (HOFBAUER, 2006, p. 250). Portanto, de acordo com Freyre, a relação entre os senhores e os escravos era de uma docilidade jamais vista, e, no quesito sexual, percebemos que ele coloca a mulher negra em uma situação na qual ela é a pervertida, libertina, a que provoca o senhor, uma análise completamente contrária ao que realmente aconteceu na época.

Temos diversas reflexões acerca da ideologia da democracia racial, como por exemplo a de Hasenbalg (1979), citado por Santos (2009, p. 175), a qual “afirma que seus princípios mais importantes são “a ausência de preconceito e discriminação racial no Brasil e, conseqüentemente, a existência de oportunidades econômicas iguais para brancos e negros”. Tal mito só começou a ser combatido quando os próprios negros conseguiram meios tanto materiais quanto intelectuais, começando uma longa jornada em prol do extermínio dessa ideologia, tentando mostrar que o Brasil não é nem nunca foi esse paraíso racial, afirmado por Gilberto Freyre, em sua obra clássica, *Casa Grande & Senzala*, lançada na década de trinta do século XX, a qual deixa transparecer situações dualistas, porém harmoniosas.

Diante disso, Florestan Fernandes enfatiza que a democracia racial “não só se arraigou. Ela se tornou um mores, como dizem alguns sociólogos, algo intocável, a pedra de toque da “contribuição brasileira” ao processo civilizatório da Humanidade.” (1989, p. 13). Disseminou-se, fortemente, chegando aos dias atuais, porém diversas pesquisas vêm combatendo este mito. Afinal, se houvesse realmente esta “democracia racial”, boa parte dos negros não estariam em posição subalterna, quando comparados com os brancos, seja no mercado de trabalho,

moradia, escola, hospitais e na política, assim, Fernandes complementa dizendo que,

Tanto na estrutura ocupacional quanto a pirâmide educacional deixam uma participação ínfima para o negro e o mulato, assinalando uma quase exclusão e uma marginalização sistemática (...). Os fatos – e não as hipóteses – confirmam que o mito da democracia racial continua a retardar as mudanças estruturais. (1989, p. 17)

Devido a essa suposta democracia racial, percebemos que há outro problema referente à questão do combate a desigualdade racial no Brasil, a não afirmação de ser uma pessoa preconceituosa, pois, desde muito tempo pensou-se não haver preconceitos nem discriminações raciais na sociedade brasileira, criando uma contradição numérica interessante, identificada no texto de Santos (2009, p. 179), “(...), apenas 3% dos indivíduos admitem possuir preconceitos racial.

No entanto, quando indagadas se acreditam que a população brasileira é racista, 91% afirmam que sim.” Conclui-se, então, que o legado desse mito se perpetua ainda com muita força, pois se não há uma admissão do “eu sou preconceituoso”, fica muito mais difícil combater algo que não existe, ou que pelo menos, não alcançou um patamar de aceitação significativo.

Todavia, a ideologia do Multiculturalismo é predominante na sociedade contemporânea brasileira, a qual, segundo Guimarães (2006, p. 280), “(...) necessita reconhecer as novas identidades sociais baseadas na raça e na cultura, ou seja, os novos grupos sociais e atores políticos (os negros, os indígenas etc.)”. No que diz respeito ao combate do preconceito e das discriminações raciais, é preciso um trabalho voltado para a valorização da cultura negra, em seus diferentes aspectos e instituições sociais.

A partir das considerações de Guimarães, nota-se que ele se refere a dois conceitos distintos: o primeiro refere-se à raça que, de acordo com Edward Telles (2004), no Brasil, a raça tem respaldo diretamente na cor da pele, no fenótipo do negro; e o segundo conceito diz respeito à cultura que, na visão de Geertz (2008), cultura é um emaranhado de teias, as quais foram tecidas pelo próprio ser humano, de forma contextualizada, dentro da qual há acontecimentos sociais, diferentes comportamentos e processos nas diversas instituições, assim “assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; (...)” (p. 4).

Contudo, após esta breve explanação de conceitos, e idas e vindas ao passado, daremos continuidade com a intersecção de gênero e raça.

1.1 GÊNERO + RAÇA

Recorremos à fala de Guacira Lopes Louro (2000, p.5) para iniciarmos este tópico, que disponibilizará informações acerca da categoria de gênero, a qual é entendida como algo construído ao longo da história, e de acordo com cada cultura.

É então, no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe etc.). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais.

Portanto, gênero é uma categoria que encontra-se em constante transformação, recebe influências históricas, sociais, culturais, econômicas, geracional e étnica, assim Joan Scott complementa, “o gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais”: a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e mulheres” (1989, p.3), assim sendo, tendo como base as construções sociais diferenciadas, são estabelecidos que o jeito de andar, de falar, de sentar, de olhar das meninas têm que ser marcadamente diferentes dos meninos. Entretanto, toda essa aprendizagem faz parte das construções socioculturais. Dessa forma possuímos identidades transitórias, instáveis e mutáveis.

Ao discutir a intersecção de gênero e etnia trazemos uma fala de Crenshaw “o peso combinado das estruturas de raça e das estruturas de gênero marginaliza as mulheres que estão na base.” (2004, p.12), portanto, torna-se mais latente quando ocorre a junção de categorias discriminadas, nas quais as mulheres negras são os alvos principais.

CAPÍTULO II

ANÁLISE DAS OBRAS LITERÁRIAS

A análise de conteúdo é uma busca de outras realidades através das mensagens”. (BARDIN)

Tendo como norte a epígrafe acima, demos início às análises na perspectiva de Laurence Bardin, a qual sempre busca outras realidades, outros contextos imiscuídos nas mensagens, vai além do que está explícito. Bardin nos apresenta diferentes técnicas que podem ser utilizadas na análise de conteúdo, a análise de avaliação, de enunciação, de expressão, das relações, de discurso e, por fim, a análise categorial, neste utilizaremos esta última, que nos possibilita uma leitura profunda das comunicações, indo além da aparente. Para tanto faremos uso de um quadro representativo das obras analisadas neste trabalho, vejamos:

2.1 SÍNTESE DAS OBRAS

LIVROS	CATEGORIAS		PALAVRAS-CHAVES	CONTAGEM
Menina bonita do laço de fita	IMAGEM	DISCURSSO	Menina, pretinha, avó	Fenótipo da menina: 6
	Olhos, cabelos, pele	Princesa, bonita, fada, mulata, linda, risonha		Fenótipo da mãe: 3
Bruna e a galinha D'Angola	Tranças, vestimenta	Bruna era uma menina que se sentia muito sozinha, depois da chegada de Conquém as outras meninas se aproximaram de Bruna, seu tio era oleiro	África, avó, Conquém, criação do mundo, aldeia	Galinha D'Angola/Conquém - 11 As duas palavras - 32
Ana e Ana	Roupas, calçados, cabelos, presentes todos iguais	Quando cresceram ambas tomaram rumos diferentes	Avó, Iguais, diferentes	Diferenças entre elas: Cor; Comidas; Comportamentos; Som; Cabelos; Roupas; Trabalho: 7
As tranças de Bintou	Túnicas, turbantes, colares,	Meu cabelo é curto e crespo, meu cabelo é bobo e sem graça	Avó, birotos, aldeia, tranças	Cabelos: 16 Tranças: 17

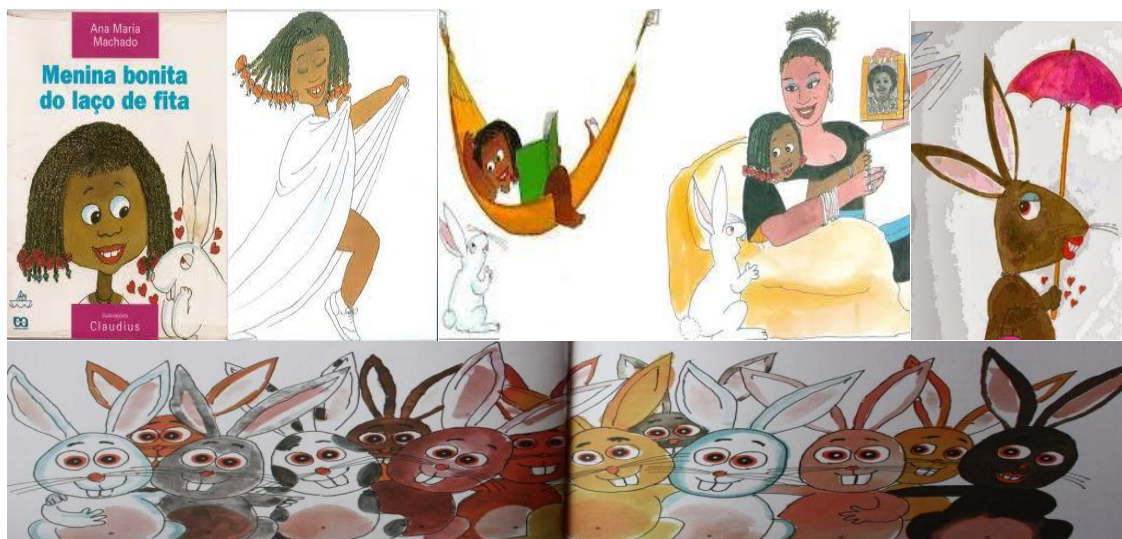
	tranças	x Meu cabelo é negro e brilhante, meu cabelo é macio e bonito		Birotas: 8 Franjas:1
O cabelo de Lelê	Vários tipos de cabelo	Lelê não gosta do que vê - de onde vêm tantos cachinhos? x “Lelê gosta do que vê! Vai a vida, vai ao vento, brinca e solta o sentimento	Cachinhos, lindos e belos	Cachinhos: 2 Cabelo: 3

A partir deste quadro percebemos que as histórias enfatizadas são de cunho valorativo, enaltecedor, que visa quebrar os estereótipos impostos e construídos em prol das pessoas negras, assim sendo, estes livros corroboram com o enfraquecimento da ideologia de branqueamento, e traz a baila a cor negra como fenótipo belo, bonito, que valorizam a estética supracitada.

2.2 Menina bonita do laço de fita

O livro de Ana Maria Machado, publicado em 1996, intitulado Menina Bonita do laço de fita, aborda a questão étnica de forma intrigante, a partir da imagem de uma menina negra.

Figura 1: Principais cenas do livro Menina bonita do laço de fita



Fonte: <https://www.google.com>

Esta obra literária é contrária à ideologia do embranquecimento, valorizando a estética negra. Utiliza em seu texto os adjetivos bonita, linda e risonha, nota-se assim um enaltecimento das personagens femininas que compõem a história.

De acordo com a análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin, os personagens podem ser escolhidos a partir das unidades de registros, seja pelos traços físicos, posição social, comportamento e às vezes que essas unidades de registro aparecem, podem significar algo importante, como é o caso do número de vezes que o coelho pergunta: “Menina bonita do laço de fita, qual o teu segredo pra ser tão pretinha?”.

Essa enumeração recebe o nome de Regras de Contagem, assim, o coelho pergunta quatro vezes a respeito de como a menina ficou negra. Percebe-se então, que a intenção da autora, Ana Maria Machado, é dar ênfase a personagem feminina negra, na figura da menina, indagando em busca de uma resposta que justificasse a cor da pele da menina.

Tendo como coadjuvante a mãe da menina, representada no livro como uma mulata linda e risonha, a qual esclarece o real motivo da negritude da personagem principal: “Artes de uma vó preta que ela tinha”. Portanto, esse livro advoga tanto físico, quanto intelectualmente as personagens femininas negras, estendendo-se ao público infanto-juvenil.

Partiremos agora para uma análise mais minuciosa deste livro, destacando três categorias: identidade social, identidade de gênero e identidade étnica.

Identidade social – provavelmente de classe média, faz aulas de balé, mora com a mãe, não há registros da figura do pai nesta obra, há cenas que transparecem um convívio tranquilo entre ambas, nas quais a mãe adorna os cabelos da menina com fitas coloridas ou lendo livros juntas, nota-se uma constante presença do hábito da leitura, a menina lendo um livro deitada na rede ou no sofá com a mãe, ou deitada no chão desenhando e pintando;

Gênero – esta obra literária tem como protagonista uma menina negra, evidenciando a presença do gênero feminino, enfatizando a negritude da mesma, bem como de sua mãe, vista como mulata. Mostra uma mulher-mãe autônoma, em uma situação econômica estável, culta, um exemplo para sua filha, disseminando uma educação respaldada no respeito e admiração para com seus antepassados.

Etnia – os dados étnicos apresentam-se fortemente ligados a aparência física das personagens, - a menina - tem olhos que “pareciam duas azeitonas pretas daquelas bem brilhantes”, os cabelos eram “enroladinhos bem negros, feito fiapos da noite”, a pele “era escura e lustrosa que nem o pelo da pantera negra quando pula na chuva”, quando sua mãe enfeitava seus cabelos, a menina “ficava parecendo uma princesa das terras da África ou uma fada do reino do luar”, - a mãe – apresenta-se como “uma mulata linda e risonha”, tais descrições enaltecem a beleza negra, diferentemente dos estereótipos negativos representados nas mais diferentes mídias e instituições, sendo este livro um ótimo material pedagógico que pode contribuir para o enfraquecimento do racismo e discriminações raciais, até porque, segundo a visão de Jacques D’Adesky, este reconhecimento étnico, “deve realizar-se tanto em nível individual quanto coletivo”. (1997, p.167).

Portanto, não basta você saber, o seu conhecimento tem que ser socializado com o maior número de pessoas possíveis, é imprescindível que todos os seres humanos que sofrem algum tipo de preconceito, de discriminação, que acarreta a exclusão social, tenham esse pertencimento, esse reconhecimento do seu valor, só então, com todos juntos lutando em prol de uma mesma causa, poderemos lutar contra o preconceito do outro, quando não houver em nós qualquer vestígio de

inferioridade, trabalhando a autoestima das pessoas desde cedo é o primeiro passo. Acreditamos que estamos precisando de pessoas como o coelhinho abordado a seguir, que admirem e respeite às diferenças, corroborando com uma sociedade harmoniosa, e conseqüentemente, com uma verdadeira democracia racial.

Do lado da casa da menina, morava um coelho branco que achava a menina a pessoa mais linda que ele já tinha visto, ele era muito curioso para saber por que a menina era negra, e perguntava: menina bonita do laço de fita qual é teu segredo para ser tão pretinha?”, ela não sabia e inventava,

- Ah! Deve ser porque eu cai na tinta preta quando era pequenina,
- Ah! Deve ser porque eu tomei muito café quando era pequenina,
- Ah! Deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina,

- Já ia inventar outra coisa, uma história de feijoada, até que a mãe resolveu se meter, “artes de uma vó preta que ela tinha”. Assim, o coelho entendeu que teria que procurar uma coelha negra, e foi o que aconteceu, então tiveram filhotes de diferentes cores, “branco bem branco, branco meio cinza, branco malhado de preto, preto malhado de branco **e até uma coelhinha bem pretinha**”. Na parte destacada nota-se uma certa discriminação, principalmente na partícula, “e até”, além do preconceito, pois a mesma encontra-se na última posição da fila de filhotes, percebe-se que foi apenas uma dentre tantos, além de ser fêmea. Por isso, anteriormente, usei o termo intrigante, pois durante a maior parte da história a beleza feminina negra é enaltecida, porém, no final, fica explícito um ato preconceituoso, discriminatório e racista.

2.3 As tranças de Bintou

O livro da autora, Sylviane A. Diouf, publicado em 2005, relata a história de uma menina negra, chamada Bintou, que sempre questionava o fato de não poder ter tranças, apenas quatro birotos, “Meu cabelo é curto e crespo. Meu cabelo é bobo e sem graça. Tudo que tenho são quatro birotos na cabeça”.

Figura 2: Principais cenas do livro As tranças de Bintou.



Fonte: <https://www.google.com>

Identidade social – percebe-se através das ilustrações e do discurso que Bintou e sua família moravam em uma aldeia, provavelmente em África, usavam trajes africanos, lindas túnicas, turbantes e colares, a culinária é bastante variada, peixe, arroz, carneiro, bolinho de peixe com molho apimentado. Bintou sempre sonhou em ter tranças, porém segundo a tradição, durante a infância, as mulheres eram proibidas de usá-las, para não serem corrompidas com a vaidade e egoísmo prematuro, havendo uma valorização de cada etapa da vida, sendo a infância, um período dedicado às brincadeiras e novas amizades.

Gênero – os personagens desta obra são, em sua maioria, mulheres, em diferentes faixas etárias, (infância, adolescência, vida adulta e velhice), percebe-se também o nível de respeito e autoridade pertencente aos mais velhos da aldeia. Nota-se também, a atitude corajosa de Bintou, mesmo criança, arrisca-se para salvar dois garotos que estavam se afogando e, por esse ato de bravura, perguntam-lhe: “Diga-nos o que você mais deseja”? E antes que ela respondesse sua irmã Falou, diz: “Ela sonha com tranças”, e sua mãe disse, “então você terá suas tranças”. No dia seguinte, pela manhã, vovó Soukeye, chama Bintou em seu quarto, passa um óleo perfumado em seus cabelos, e refaz seus biotes, mas desta vez, com lindos enfeites em forma de pássaros coloridos, Bintou fica muito feliz e satisfeita, “Eu sou Bintou. Meu cabelo é negro e brilhante. Meu cabelo é macio e bonito. Eu sou a menina dos pássaros no cabelo. O sol me segue e estou muito feliz”.

Religião - a religiosidade predominante neste livro, é de matrizes africana, mostrando em detalhes uma cerimônia de batizado, do irmão de Bintou, com apenas oito dias de nascido, antes de começar a festa, sua tia, chamada Safi, raspou a

cabeça dele para apresentá-lo a todos, pois de acordo com essa religião, a cabeça é o centro das energias do corpo. E como já era de costume, o mais velho liderava o ritual, então, Serigne Mansour, fez uma breve reza no ouvido do bebê, e anunciou a todos o seu nome, Abdou.

Etnia – é evidente que se trata de uma comunidade africana, com a cultura nativa intacta, nos mais diversos aspectos, na religião, na vestimenta, adornos, penteados, conhecimentos passados de geração em geração, como o uso das tranças. Os mais velho liderando as cerimônias religiosas, são exemplo do predomínio da identidade desta comunidade, pois de acordo com Nilma Lino Gomes, a identidade “Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana” (p. 41). Portanto, fica explícito que a identidade vai muito além da cultura, engloba o quesito social, político e histórico. Dessa forma, a alta valorização da estética negra se faz presente, enaltecendo tanto seu fenótipo quanto a cultura, a história, a sociedade como um todo.

Percebe-se então, que o foco desta narrativa é o fenótipo feminino negro, com ênfase no cabelo de Bintou, enaltecendo o mesmo, fato que combate as discriminações e preconceitos referentes aos cabelos crespos, pois em nenhum momento da história Bintou critica a textura do seu cabelo, apenas discorda do penteado, por admirar as tranças e não os biotes. São esses detalhes que fazem a diferença em uma análise, e a partir da análise de conteúdo, segundo Bardin, vemos que nos pequenos gestos e falas podemos capturar questões cruciais, como o caso do cabelo, aparentemente Bintou não gosta do cabelo, mas se formos analisar a fundo, perceberemos aspectos imiscuídos entre uma cena e outra, logo na primeira página fica nítido qual é o sonho da menina Bintou, “Meu nome é Bintou, e meu sonho é ter tranças”. Então a questão é em relação ao penteado, e não ao tipo de cabelo.

2.4 Ana e Ana

A obra literária, escrita por Célia Godoy, publicada em 2003, tem como tema principal a diferença, tendo como protagonistas, duas irmãs gêmeas idênticas, porém com comportamentos bem distintos, vejamos a seguir.

Figura 3: Principais cenas do livro Ana e Ana



Fonte: <https://www.google.com>

Identidade social - este livro relata a história de duas irmãs gêmeas, que não entendiam porque as pessoas queriam que elas fossem uma só, eram idênticas, fisicamente, mas tinham gostos e comportamentos completamente distintos, Ana Carolina gostava da cor vermelha, de música alta, de macarrão e de chamar atenção, já Ana Beatriz gostava da cor azul, do silêncio, de salada, de brincar com as plantas, animais e crianças pequenas. Não gostavam nem um pouco de ganhar presentes iguais e quando cresceram ambas tomaram decisões diferentes cortes de cabelo, roupas e profissões. Ana Carolina foi trabalhar em uma estação de rádio e Ana Beatriz foi para Londres, trabalhar salvando animais que estavam quase em extinção.

Depois de um certo tempo, sentiram saudades e resolveram se reencontrar, e recordando a infância perceberam que o amor entre elas era igual. Trazendo para os dias atuais, essas irmãs representam a não aceitação da diferença, aceitação esta cercada de paradigmas e estereótipos vindos de toda parte, família, escola, mídias, rua, as quais esperam que todos se enquadrem em um único padrão estético, social, cultural, político, econômico e religioso, aqui recorremos a Stuart Hall “o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. (...) o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos (...)” (HALL, 2006, p. 12-13). Então Bia e Carol, mesmo sendo gêmeas, possuíam identidades diferentes, que foram se consolidando ao longo dos anos.

Gênero – em relação a esta categoria, identificamos que há o predomínio total do gênero feminino, as irmãs ficam com a avó, enquanto a mãe está trabalhando,

provavelmente é mãe solteira, pois a figura do pai não é identificada, as mulheres da história são independentes e ganham essa independência através do trabalho, até porque “o trabalho das mulheres não é uma fantasia, mas sim a possibilidade de sua autonomia”. (PERROT, 1998, p.142), a partir dele as mulheres ganham sua liberdade, e passam a ser vistas como concorrentes no mercado de trabalho, como seres pensantes e capazes, e não como objetos, ou seja, perdem a passividade que lhes atribuíram, ao longo da história, ou como diz Beauvoir, “o que a humanidade fez da fêmea humana” (1970, p. 57).

Etnia – a família representada neste livro é de descendência africana, porém não são notáveis comportamentos relacionados à cultura, história, vestimentas, religião, porém se comparadas com o contexto vigente, identificamos: há casos reais, nos quais a mulher negra assume, o seu papel de mãe, e de pai, tendo que trabalhar para sustentar seus filhos, e a si mesma.

Todavia, é imprescindível que se destaque o foco desta obra infantil que é a questão da diferença, da aceitação ou não aceitação de identidades múltiplas e transitórias que estão em constantes transformação, pois somos sujeitos mutáveis e sofremos influências dos mais diferentes espaços sociais percorridos, nos mais diversos períodos da nossa história.

O livro Ana e Ana, nos traz essa reflexão acerca da realidade vigente, a rotulação humana, a exigência de todos e todas serem moldados (as) a partir de um único padrão, sendo este eurocêntrico (homem, branco, rico, cristão), as demais categorias são rotuladas como inferiores, incapazes física e intelectualmente, sendo as mulheres, negros (as) e pobres seres, considerados, subalternos por natureza e não como seres humanos frutos de uma construção social, histórica e cultural.

4.5 Bruna e a Galinha D'Angola

Figura 4: Principais cenas do livro Bruna e a galinha D'Angola



Fonte: <https://www.google.com>

Escrita por Gercilga de Almeida, ilustração Valéria Saraiva, publicado em 2003, narra a história de uma menina negra, chamada Bruna, que se sentia muito só.

Identidade social – Bruna morava com sua avó que veio de um país muito distante, provavelmente, um país do continente Africano, Bruna sempre lhe pedia para contar histórias de sua terra natal, a que ela mais gosta era o do panô da galinha D'angola que sua avó trouxe da África. Gostava tanto da galinha que pediu a seu tio, que era oleiro, para ensinar-lhe a fazer uma galinha, a qual tornou-se sua companhia, o motivo da falta de amizades de Bruna pode ser explicado, por a mesma pertencer a uma classe social menos favorecida, este fato é notável, a partir das roupas e acessórios das outras meninas, por o seu tio ser oleiro, e pela ausência de alguma atividade remunerada por parte da avó, não constatamos a presença da mãe ou do pai durante todo o enredo da obra.

Certo dia, sua avó a presenteia com uma verdadeira galinha D'angola, chamada Conquém, que chamou a atenção das outras meninas, dessa forma, a Conquém foi o elo que rompeu com as barreiras sociais existentes entre Bruna e suas amigas. Com o passar dos tempos à galinha teve vários filhotes, e cada menina pode ter a sua.

Gênero – Nesse livro a maioria dos personagens é do gênero feminino, com a participação apenas de um homem, o tio de Bruna, as personagens têm diferentes idades, versando entre a infância e a velhice. A mulher como provedora da família é predominante, centrado na figura da avó, chamada Nanã, que fez perpetuar as histórias ao longo de gerações.

Religião – Em relação a esta categoria, temos a história de Oxum, que era uma menina que se sentia muito só e que resolveu criar a galinha D'Angola, acredito que Bruna se identificou com essa história, por isso era a sua preferida. Outro destaque das religiões afro-brasileiras é dado quando Conquém encontra um baú, dentro do qual há um panô referente a criação do mundo, composto do desenho de três animais, a galinha, espalhou a terra quando desceu do céu para a terra; lagarto,

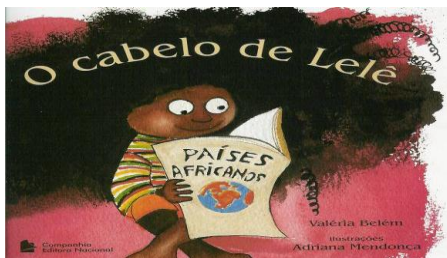
desceu para ver se a terra estava firme; e o pombo, foi avisar aos outros animais que já podiam descer para habitar naquele lugar.

Etnia – formada por personagens negros, identificamos a presença dos costumes africanos, na vestimenta, nas histórias e no próprio vocabulário do enredo, pois há palavras de origem africana, como por exemplo, a palavra Angola, usada para designar a origem da galinha, que remete a um país africano; Conquém, que em África é usada como sinônimo de galinha d'angola, guiné, tô-fraco, e em muitas lendas africanas Conquém é o personagem principal. Em síntese, esta obra faz menção ao fortalecimento das memórias e tradições africanas, repassadas de geração em geração, com ênfase na questão religiosa, enaltecendo a história e a cultura como um todo.

2.6 O cabelo de Lelê

Obra escrita pela autora Valéria Belém, ilustração de Adriana Mendonça, em 2012. Apresenta indagações de uma menina em relação a seu cabelo cheio de cachinhos e relata sua tristeza pelo fato de não se sentir bonita, com a auto estima baixa. Assim discute a questão da beleza negra, de uma forma bem dinâmica, fazendo descobertas sobre sua ancestralidade, criando orgulho e pertencimento por suas raízes africanas.

Figura 5: A capa do livro O cabelo de Lêle



Fonte: <https://www.google.com.br>

Lelê não gosta do que vê - de onde vêm tantos cachinhos? Ela vive a se perguntar. E essa resposta ela encontra em um livro enciclopédia onde tem a história de todas as culturas, no mesmo ela descobre sua história e a beleza da herança africana. Este livro começa com questionamentos importantes e retrata de

forma objetiva a realidade das crianças na escola, ao se deparar com outras crianças de culturas diferentes, cores de pele e texturas de cabelos diferentes e daí então começa os questionamentos, de onde vem meu cabelo? Porque o meu é diferente do coleguinha? Porque minha cor de pele é diferente do coleguinha? São perguntas que devem ser respondidas de forma a não criar preconceito ou sentimento de poder sobre o outro, e sim orgulho de suas origens e respeito às outras culturas. Valéria Belém buscou valorizar a estética negra feminina em forma de livro, com o objetivo de levantar a autoestima da criança negra, que ao ler a obra sentirá um orgulho de pertencer a cultura afro.

Identidade social - Lelê aparenta ser uma criança de classe média, pois tem acesso aos estudos e o hábito da leitura, a mesma vai até a biblioteca com o objetivo de responder a suas dúvidas internas sobre sua origem, e de onde vem os cachos de seu cabelo. “Toda pergunta exige resposta. Em um livro vou procurar! Pensa Lelê, no canto, a cismar.” (BELÉM,2012)

Gênero - Em relação a essa categoria, percebemos uma forte presença de personagens do gênero feminino ao longo da história, ao todo há quatro personagens e só um personagem do gênero masculino, o que reconhece e valoriza o gênero feminino e suas contribuições, assim quebrando o paradigma machista onde tudo começou pelo homem.

“Gênero” como substituto de “mulheres” é igualmente utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro. Este uso insiste na idéia de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado dentro e por esse mundo. ” (SCOTT, 2012, p. 3)

Religião- Não foi percebido qual seguimento religioso a menina participa, sabemos que sua origem é africana e que as religiões de matriz africana é a Umbanda e o candomblé, porém não fica clara a questão religiosa no livro.

Etnia- Na obra, Lêle aparece cheia de dúvidas sobre a origem dos seus cabelos, então a mesma parte para uma pesquisa e busca livro que fale sobre culturas, no livro ela descobre vários tipos de cabelos e suas origens, e a sua nada mais é do que a africana. Ao conhecer a sua história a personagem começa a valorizar-se, o

que fortalece seus laços identidade Afro, ou seja, a personagem se sentia triste com seu cabelo e ao conhecer sua história e dos seus antepassados, Lelê começa a sentir um grande orgulho e pertencimento a tal cultura dos povos africanos.

Depois do Atlântico, a África chama e conta uma trama de sonhos e medos. De guerras e vidas e mortes no enredo. Também de amor no enrolado do cabelo. Puxado, armado, crescido, enfeitado, torcido, virado, batido, rodado. São tantos cabelos, tão lindos, tão belos! (BELÉM, 2012)

Segundo Jacques D'Adesky este reconhecimento étnico, “deve realizar-se tanto em nível individual quanto coletivo”. (1997, p.167). A obra tem como foco principal enaltecer a beleza negra feminina, desconstruindo o paradigma do cabelo “ruim”, cabelo “duro”, ou seja, começa a desconstruir a ideologia do branqueamento onde a valorização da estética “branca”, e tudo que não se enquadra em tal padrão estético é considerado feio e valorizar a Cultura Africana.

“Lelê gosta do que vê! Vai a vida, vai ao vento, brinca e solta o sentimento. Descobre a beleza de ser como é. Herança trocada no ventre da raça. Dopai, do avô, de além-mar até. O negro cabelo é pura magia.” (BELÉM,2012)

Diante do exposto, evidencia-se que estas obras da literatura infanto-juvenil analisadas até então, apresentam de maneira positiva a figura da mulher/menina negra, nos aspectos sociais, físicos, culturais e religiosos.

CAPÍTULO III

CONTRIBUIÇÕES DO PROTAGONISMO FEMININO NEGRO NA LITERATURA INFANTO JUVENIL EM SALA DE AULA

Sabemos que a literatura sempre esteve presente em nossas vidas muito antes da leitura e da escrita, seja por meio das cantigas de ninar, das brincadeiras de roda ou das contações de histórias realizadas pelos familiares, porém quando as crianças chegam à escola é que a literatura passa a ter o poder de construir uma ligação entre o mundo da imaginação, dos símbolos subjetivos, e o mundo da escrita, dos signos convencionais impostos pela cultura sistematizada.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a leitura tem um papel importantíssimo na construção de saberes e disseminação de culturas diversificadas, através dela as crianças desenvolvem o senso crítico e aperfeiçoam sua visão de mundo.

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar e agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não são seus. (BRASIL, 1998, p. 143).

Dessa forma, no ambiente escolar as crianças potencializam os saberes, sejam eles culturais, étnicos, econômicos e sociais, daí a importância de se trabalhar em sala de aula as obras com personagens femininas negras em situações positivas, nas quais há uma supervalorização de seus fenótipos e de sua cultura, tal representação desenvolve nas crianças uma aceitação e pertencimento de sua descendência africana.

Desde o momento em que a criança tem acesso ao mundo da leitura, faz novas descobertas e conseqüentemente amplia a compreensão de si e do mundo que a cerca. Através de práticas geradoras de estímulos capazes de influenciar de maneira significativa. A contação diária de histórias é bastante proveitosa, porque proporciona um momento mágico de valor educativo sem igual na correlação destes três eixos: leitura, escrita e oralidade, esta última traz à baila a disseminação das raízes africanas, propagando de maneira positiva seus costumes, crenças e fenótipos.

Atividades didático pedagógicas de leitura devem ocorrer desde os primeiros dias de aula, mesmo com crianças que ainda não conhecem nenhuma letra, pois, por meio da visão e da audição, elas realizam a leitura de ilustrações e acompanham a leitura do texto feita pelo professor (a).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi discutido, fica explícito, que estes livros podem ajudar de maneira significativa no combate ao preconceito e discriminações raciais, pois em todos eles há o predomínio da valorização da identidade negra, nos mais diferentes aspectos, seja ele social, cultural, histórico, político e religioso.

Identificamos também que as imagens femininas representadas nos mesmos atuam fortemente na autoestima dos atores sociais da vida real, com personagens negras felizes, mesmo com classes sociais diferentes, continuam perpetuando seus saberes e valorizando sua cor.

O matriarcado representado na figura da avó apresenta-se com muita frequência na maioria dos livros analisados. A mulher como provedora da família, também se faz presente, como no livro Ana e Ana, no qual a mãe trabalha fora de casa e a criação das filhas fica sob a responsabilidade da avó, não havendo a presença da instituição do casamento e, conseqüentemente, a ausência da figura masculina.

A aceitação do fenótipo negro é bastante visível em todas as obras, e ações, historicamente, desenvolvidas pelos brancos, são representadas por personagens negras, como aulas de balé, em Menina bonita do laço de fita, ou o sucesso da mulher negra no mercado de trabalho, identificado na obra Ana e Ana. Tais fatos contribuem para a quebra de preconceitos e discriminações raciais, e se trabalhadas desde a infância poderemos obter resultados satisfatórios, corroborando com uma sociedade, verdadeiramente, harmoniosa, igualitária em uma autêntica democracia racial.

REFERÊNCIAS

- Livros e artigos

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Território negro em espaço branco: estudo antropológico de Vila Bela.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos.** 4 ed., v. 1. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1970. Tradução de Sérgio Milliet. Disponível em: <<http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf>>. Acesso em: 02 de fev de 2021.

BRASIL. Ministério da educação e do desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília, DF, 1998.

CAMILO, Macedo Edna. **A formação da identidade da criança negra na educação infantil.** Floriano-PI, 2019.

CANTARIN, Nunes Rodrigues Maria Silvia. **E as meninas cresceram: A construção da personagem feminina nas obras de Ana Maria Machado.** Maringá-PR, 2008

CARVALHO, Maria da Penha Felício dos Santos de. **A Crítica de Judith Butler às Normas que Governam Gênero e Sexualidade.** Rio de Janeiro: Ethica, v.17, n.2, p.81-92, 2010.

D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multiculturalismo.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997. Disponível em: <http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n19_20_p165.pdf>. Acesso em: 02 de fev de 2021.

FERNANDES, Florestan. **Significado do projeto do negro.** São Paulo: Cortez, 1989. (coleção polêmicas do nosso tempo v. 33)

FRANÇA, Luiz Fernando de. **Desconstrução dos estereótipos negativos do negro em *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, e em *O menino marrom*, de Ziraldo.** Disponível em: <http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/3106.pdf> Acesso em: 20 de fev de 2021.

GARCIA, Cristina Renísia. **Identidade fragmentada: Um estudo sobre a história do negro na educação brasileira.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. Disponível em: <http://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/geertz_clifford-a_interpretac3a7c3a3o_das_culturas.pdf>. Acesso em: 21 de fev de 2021.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: uma breve discussão. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 20 de fev de 2021.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Depois da democracia racial**. Tempo Social, revista de Sociologia da USP, v. 18, n. 2, nov. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a14v18n2.pdf>>. Acesso em: 15 de fev de 2021.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MUNANGA, Kabengele. Raízes científicas do mito do negro e do racismo ocidental. In: **Temas IMESC, Soc. Dir. Saúde**, v.1, n. 1, p. 39-47, 1984.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: UNESP, 1998. Tradução de Roberto Leal Ferreira.

SANTOS, Natália Neris da Silva. **Ideologia do branqueamento, ideologia da democracia racial e as políticas públicas direcionadas ao negro brasileiro**. N. 19- set./ out./ nov./ dez. 2009. Revista Urutágua – acadêmica multidisciplinar – DCS/UEM. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutaqua/article/view/6400>>. Acesso em: 02 de fev de 2021.

SCOTT, Joan. **Gender: A useful category of historical analyses**. New York, Columbia University Press, 1989. Tradução de Christine Rufino Dabat; Maria Betânia Ávila. Disponível em: <[disciplinas.Stoa.usp.br/peuginfile.php/.../Gênero-Joan % 20 Scott.pdf](http://disciplinas.Stoa.usp.br/peuginfile.php/.../Gênero-Joan_%20Scott.pdf)>. Acesso em: 10 de fev de 2021.

TELLES, Edward E. **The Significance of Skin Color in Brazil**. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2004. Tradução de Ana Arruda Callado. Disponível em: <<http://www.princeton.edu/sociology/faculty/telles/livro-O-Significado-da-Raca-na-Sociedade-Brasileira.pdf>>. Acesso em: 10 de fev de 2021.

- Vídeos dos livros animados

ALMEIDA, Gercilga de. **Bruna e a galinha d'angola**. Disponível em: <<http://www.youtube.com>>. Acesso em: 05 de fev de 2021.

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. Disponível em: < <http://www.youtube.com>> Acesso em: 17 de mar de 2021.

DIOUF, Sylviane. A. **As tranças de Bintou.** Disponível em: <<http://www.youtube.com>>. Acesso em: 28 de fev de 2021.

GODOY, Célia. **Ana e Ana.** Disponível em: <<http://www.youtube.com>>. Acesso em: 27 de fev de 2021.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita.** Disponível em: <<http://www.youtube.com>>. Acesso em: 26 de fev de 2021.